

caderno de leituras n.104

genealogia do ocioso

série *intempestiva*

vivian abenshushan

Tradução de
Gabriel Bueno da Costa



**nota da
editora**

“Genealogia do ocioso” é parte do livro *Escritos para desocupados* (2013), da escritora mexicana e editora da Tumbona Ediciones Vivian Abenshushan (Cidade do México, 1972). O livro está disponível aqui: http://www.escritosdesocupados.com/download_escritos.pdf, e nele lemos: “Creative Commons - Os conteúdos deste livro podem ser reproduzidos e compartilhados por qualquer meio, contanto que não se faça isso com fins comerciais, que se respeite sua autoria e esta nota seja mantida.” Noutras páginas do seu site – [escritosdesocupados.com](http://www.escritosdesocupados.com) – , a autora compila indicações de livros, filmes, músicas e outras produções que dialogam com seu livro. No futuro próximo, publicaremos outro texto de Vivian Abenshushan na coleção Caderno de Leituras. Ambos foram indicados pelo tradutor Gabriel Bueno, a quem gostaríamos de agradecer.

“Raça de Abel, come, bebe e dorme”**Charles Baudelaire****1. [Nota do tradutor]**

No original “...donde los hombres y mujeres podríamos vivir como reyes (o, por lo menos, como personas)...”. Trata-se de uma silepse de pessoa, ou seja, ela se inclui no grupo a partir da concordância, mas sem usar o pronome nós.

Há quem diga que o ocioso é um boa-vida. E não se equivocam: ninguém sente como ele um amor tão intenso pela vida. Despreocupado e contemplativo, andarilho fortuito de campos e cidades, o ocioso parece um sobrevivente do paraíso. Para ele, a Terra não é um lugar morto, reservado às penúrias do trabalho e ao desgaste, mas um planeta vivo, palpitante e pleno de mistério, em que os homens e mulheres poderíamos¹ viver como reis (ou, ao menos, como pessoas) bastando percebê-lo, em vez de arrastar todos os dias nossos números de correntistas, empenhados em cumprir obrigações falsas e esquivando de nossa própria (embora, às vezes, sofrida) existência. Sinto pelo ocioso uma grande admiração e uma inveja secreta. Pergunto-me de onde terá conseguido sua entrada grátis para as esquinas nas quais o mundo se encena, de que fonte milagrosa continua a tirar tempo para olhar a cidade que ninguém mais olha. “A paisagem para os ricos pende de uma moldura de janela”, dizia Benjamin. Dali eles lançam todos os dias um olhar murcho e cheio de tédio, que cobrarão mais tarde de seus empregados. Não o ocioso, certamente, que abdicou do seu trabalho para não olhar mais a parede de tijolos para onde dava sua janela. Quem precisa de uma moldura quando se pode ter a rua? Há sempre homens assim na cidade: vagabundos com cara de quem está em outro lugar, sentados durante horas nos cafés baratos, nos quais acumulam conversas de filósofos preguiçosos. Reduziram sua existência a um mínimo de necessidades e não têm de pagar um centavo para rir do nosso espetáculo cotidiano, a maquininha movida a moedas que nos diz quem somos, que coisas temos que conseguir, quanto temos que gastar. Graças ao ocioso, a cidade pode se contemplar a si própria, colecionar suas atrocidades. Sem ele, a existência dela não se justificaria.

Existem cidades afortunadas que conservam suas correntes de água, grandes rios que as atravessam e ajudam os habitantes a descansar delas. O ocioso também cumpre uma função importante na cidade: ao não se deixar arrastar

por seu ritmo trepidante, ao se manter distante da marcha irrefletida do progresso, abre um espaço metafísico em bares e adegas, onde se esmera em não fazer nada além de se deixar atravessar – como os rios – pela corrente heraclitiana do tempo. O ocioso torna habitável uma cidade, devolve-a à sua dimensão humana, porque seu espírito é anterior à própria cidade. Nele perdura uma alma nômade habituada ao ar livre e à vida selvagem, alheia ao jugo das estruturas sedentárias. O que é seu é um mundo pleno que não se deixou levar pela velha história do Pecado Original, essa fonte de justificativas mais ou menos grotescas que tem mantido alguns amassando o pão com o suor do rosto enquanto outros aproveitam de papo para o ar. Embora o castigo da Providência por provar o fruto proibido tenha condenado toda a humanidade, no fim das contas o trabalho se tornou uma expiação majoritária dos que haviam nascido, por razões impenetráveis, em uma "escala inferior". Escravos, servos, lacaios, diaristas, garçons, biscateiros, ao trabalho! Essa discriminação se deu sem nenhum critério; às vezes por decreto divino, outras por capricho disfarçado de fatalidade. De qualquer modo, o mundo se dividiu: de um lado os que mandavam, do outro os que obedeciam. Mas se todos poderíamos trepar nas árvores – em turnos ou ao mesmo tempo, já se veria – para alcançar nossas maçãs e de quebra dividi-las com o vizinho! Afinal, o problema do sustento, ou seja, a necessidade de seguir vivos, é uma urgência natural que iguala a humanidade. Então, por que uns poucos iriam permanecer sempre sentados enquanto outros recebem as ordens?

Cioran se questionava se o instinto de domínio (o surgimento da opressão) não seria a consequência direta do Pecado Original, a materialização imediata da Queda. Uma coisa é certa: a interpretação traiçoeira do castigo divino – não importa se é a expulsão do paraíso judaico-cristão ou o fim da Idade de Ouro entre os gregos – afanou da maioria da humanidade um direito que deveria ser inalienável e universal: o direito ao repouso. Enquanto isso, uma minoria (nobres, bispos, potentados, rentistas, caciques políticos, banqueiros) tem se dedicado simplesmente a garantir o cumprimento da pena terrena, em troca da promessa de uma salvação futura (se você for um bom trabalhador, oportuno e submisso, vai para o céu), tornando a vida

das multidões suadas e anônimas uma longa espera do fim de semana da eternidade. Essa é a missa do emprego em que todos devem comungar, inclusive nessa época sem deuses e cheia de trabalho, na qual enfiar dados num computador carece de qualquer mérito espiritual.

Para imaginar uma genealogia do ocioso – um personagem com o qual tento inutilmente me parecer –, me dediquei a reler algumas passagens da Bíblia, um livro ao qual sinceramente quase nunca retorno. Tenho a intuição de que ali o encontrarei em seu estado natural, pouco antes de ser condenado pelos católicos e depois pelos protestantes e agora pelos tecnocratas. Como se pode ler no *Gênesis*, Adão e Eva procuraram fazer uma divisão equitativa da penitência – a chamada *divisão do trabalho* – entre seus filhos: Caim obteria a propriedade de toda a terra; Abel seria dono de todos os animais de criação. Um se dedicaria a cultivar; o outro, a pastorear. É provável que os irmãos tenham tido pouco tempo livre para fazer piadas e brincar juntos nos declives do campo extenso, algo que com o passar do tempo teria ajudado a criar um vínculo entre eles, evitando assim o desenlace fratricida. Um dia, Abel e Caim entregaram suas oferendas a Deus (um sacrificou um carneiro; outro ofereceu um fruto da terra), mas Deus, sempre insondável, aceitou apenas a oferenda de Abel. Furioso, Caim matou, como todo mundo sabe, seu irmão.

As interpretações do episódio sangrento não tardaram. Entre todas elas, há uma que aponta para o nascimento de um antagonismo ancestral: o que existe entre trabalhadores e ociosos. As raízes dos nomes indicam isso: Caim (do árabe *gain*, "o ferreiro") poderia ser identificado ao *homo faber*, o homem que fabrica ferramentas, o que exerce sua vontade transformadora sobre a matéria. Ele forja o arado para lavrar, mas também o martelo para desferir o golpe. Tem uma mão equipada, uma mão aderida ao trabalho, uma mão cheia. É raro que essa mão se ponha a tamborilar. Ela é toda músculos: abre sulcos, aplaina a terra, submete brotos, edifica. É a mão do trabalhador. Graças à ferramenta, essa extensão cabal do corpo, Caim e seus descendentes conseguem dominar as extensões selvagens e criar um novo mundo artificial. São os construtores das primeiras cidades,

mais tarde associadas à corrupção e à perda do sentido espiritual. A alma de Caim é sedentária; arraigada à terra que cultiva, forma certos costumes, tem direitos sobre o solo. Isso está expresso em outra raiz de seu nome, a que provém do verbo hebraico *kanah*: *adquirir, obter, possuir* e, portanto, *governar* ou *subjugar*. Caim é, portanto, o proprietário, aquele que possui e, também, o praticante das artes da tecnologia necessárias para abrir caminhos e conquistar. Nele convergem as forças contraditórias da civilização: a ferramenta e a arma, a invenção criadora e a violência.

Abel, do hebraico *hebel*: *alento, sopro, nada*, pertence, por outro lado, à estirpe dos nômades, dos que se deslocam de modo contínuo como o ar. Em vez de se assentar, como o agricultor, move-se para onde o leva seu rebanho. Abel não depende de nenhum lugar concreto, pois seu alimento vai com ele a todo lado. E se multiplica sem necessidade de trabalhar! Na primeira repartição laboral da humanidade, ao pastor foi designado o lado menos áspero, menos preso aos rigores do clima e ao esforço físico da vida agrária. Talvez por isso, diferentemente de Caim, Abel não se extenua. É mais livre, mais ligeiro e tem muito tempo para vadiar. Toda vez que seus animais encontraram o lugar exato para se alimentar, ele se descobre em meio a um tempo vazio, distendido, o tempo que o *homo ludens* emprega para seus jogos e meditações. Olhem-no ali ensimesmado à sombra das árvores, vendo passar as horas como se as horas não existissem. O exato oposto do tempo programado de Caim, um tempo associado à produção, ao cultivo e ao trabalho, um tempo útil, ao redor do qual se ordena a vida. Abel é um habitante natural do ócio, um ser tranquilo e errante, zeloso de sua autonomia, alheio às hierarquias da aldeia. Nele não germinaram a vontade de domínio nem a ambição de poder. (Talvez por isso, São João e Cristo o considerem "um justo"). Como não lhe interessa deixar uma marca – ele é apenas um sopro, transitório como a própria vida –, sua existência se libertou de propósitos e sua única ocupação é olhar. Enquanto escuta o sopro do vento ou vê como os pássaros se cortejam, Abel vigia seu rebanho. Precisa abrir bem os olhos e compreende que isso também é contemplação: habitar o mundo com a mirada. Essa destreza ocular, treinada sem esforço nas

tardes de seu tempo livre, torna-se uma forma distinta de observação, o nascimento da especulação intelectual e do temperamento artístico. Abel se sentou a pensar por si só; seu ócio é uma forma de reflexão e, talvez, também, de melancolia. E não foi esse o pecado de seus progenitores, o desejo de saber? Ah, o ócio, mãe de todos os vícios!

Com certeza, Caim também sentia uma inveja secreta pelo ocioso. Por que, diferentemente dele, o pastor de ovelhas mostra tanto prazer ao realizar suas atividades diárias? Talvez porque, em sua transumância, Abel se mantenha distante do fardo da civilização e seus artifícios multiplicados. Na cidade de Caim, cada edifício vem acompanhado de novas tarefas, a agitação cotidiana se duplica, o peso das cargas se triplica e as penas dos escravos não têm fim. "Raça de Caim – escreveu Baudelaire –, tua tarefa não foi cumprida o suficiente...". A grande calamidade das cidades é que nelas nunca se deixa de trabalhar. A busca por comodidade merece todo esse transtorno, todo esse esgotamento? Se o ócio é o propósito final do trabalho, por que não simplesmente se entregar a ele sem remorsos? Isso é o que faz Abel, uma vez que tenha satisfeito suas necessidades primárias.

Abel poderia ser emblema de toda uma estirpe amante da simplicidade, refratária à fama ou à riqueza, essas cargas da vida oficial. Sendo nômade, leva dentro de si sua cabana e suas posses; não acumula, não se deixa capturar pelo peso da vida material; ele prefere flutuar, como fazem seus pensamentos ao entardecer. Algo dessa leveza, uma leveza mal vista pela estirpe de Caim, sobrevive no *lüftmensch*, palavra iídiche que designa pejorativamente o vagabundo, o homem improdutivo, sem trabalho nem salário fixo, dedicado a perder tempo e a ponderar. Perdido entre livros e divagações, o *lüftmensch* é literalmente um "homem dos ares", "um homem flutuante". Aspira a quê? Para onde se dirige? Como Abel, esse ocioso não tem planos nem projetos, é um filho errático que sempre angustia sua mamãe.

Se Caim representa a técnica e a responsabilidade da idade adulta, seu irmão, por outro lado, é um fanfarrão,

um adolescente aliviado de deveres. Caim é pragmático; Abel, falador. Um ama a indolência; o outro acredita no zelo como artigo de fé. Em tudo parecem espíritos contrários. E as duas formas de habitar o espaço às quais deram origem, sedentários e nômades, representam duas formas, talvez irreconciliáveis, de encarar os dilemas da sobrevivência: sucumbir ao peso do trabalho em nome do progresso ou aprender a viver em nome da própria vida.

É curioso que Deus desprezasse Caim precisamente porque em seu sacrifício atuava por simples apego ao dever, em lugar de fazê-lo por generosidade, por amor genuíno, como Abel. (Se recorremos à explicação de São João, Deus buscava os homens e não as coisas que eles faziam com suas mãos, do mesmo modo como preferia o que crescia naturalmente, em vez do que se obtinha por meio de impulsos invejosos, como o arado com o qual se obriga a terra a germinar para depois lucrar com seu fruto). Quanta ira terá latejado na face do agricultor quando no fim da jornada premiaram seu irmão, o ocioso! Aquilo era realmente algo para matá-lo. E assim, durante um acesso de fúria destrutivo, o *homo faber* liquida de uma vez o *homo ludens*. O que temos aqui? A forma pela qual o trabalho reprime finalmente a propensão ao lúdico, uma propensão que pode apenas despertar intranquilidade e suspeita num mundo que tem levado a loucura ao ponto de ver a própria existência como castigo. Em um mundo assim, a penitência acaba com a brincadeira, a obrigação com o prazer. E a esquiva possibilidade de fazer do trabalho uma coisa alegre, ou ao menos passageira, depois da qual o homem poderia se dedicar ao que desse na telha, tem sido cancelada para a grande massa de pessoas sobre as quais são lançadas as tarefas mais servis e rotineiras.

É uma pena que tenha sido a estirpe de Caim a que servisse de inspiração para numerosas gerações posteriores entregues ao trabalho compulsivo, chegando até a mesa de Benjamin Franklin, que definiu o homem, no século XVIII, precisamente como "o animal que faz ferramentas" e proscreveu de sua agenda a possibilidade de descansar. "Não perder tempo, sempre se manter ocupado em algo útil; suprimir todas as ações desnecessárias", essas eram

2. [N.t.] Para não dizer que não falamos do Brasil, seria até óbvia aqui uma menção a *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade (1893-1945), e também poderíamos evocar o Leonardo das *Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida (1830-1861), classicamente analisado por Antonio Candido em seu ensaio "Dialética da malandragem" (1970).

as notas mais altas de seu hino, o hino do *homo faber*, que fez do tempo o principal recurso a administrar: "Pense que tempo é dinheiro. Quem pode ganhar diariamente dez xelins com seu trabalho e dedica metade do dia a passear ou a vadiar em seu quarto, embora dedique apenas seis centavos para suas diversões, na verdade gastou, ou melhor desperdiçou, outros cinco xelins". Quanta razão tinha Vaneigem quando escreveu: "As necessidades da economia dificilmente se acomodam ao lúdico. Nas transações financeiras, tudo é sério; não se brinca com o dinheiro". Também os romanos entenderam que a palavra *negócio* significava isso, *nec otium*: a negação do ócio. Por isso, Cícero, que pertenceu a uma cultura que desprezava o trabalho e encontrou no ócio a forma mais elevada de liberdade, advertiu: "Que coisa honrosa pode sair de um negócio? Tudo que se chame negócio é indigno de um homem honrado, porque os comerciantes não podem ganhar sem mentir [...]. Quem quer que dê seu trabalho por dinheiro vende a si próprio e se coloca no patamar dos escravos". (Mas Cícero podia se dar ao luxo de dizer isso, justamente porque tinha escravos).

É possível um bem-estar que não faça mal a ninguém? Talvez o regozijo simples do ocioso, um ser livre que se abandona ao fluir da vida, sem tentar agradar ou submeter o vizinho. E, embora a Bíblia nada diga sobre a descendência de Abel (o que leva a supor que não tenha tido tempo de deixar nenhuma), seu espírito nômade e sua paixão pela riqueza espontânea da brincadeira têm ressurgido ao longo da história em muitas partes. Nos bosques de Walden, nas margens do Mississipi ou nas tavernas sujas de Paris, entre andarilhos, conspiradores, vagabundos e *flâneurs*, seu andar segue cantando as glórias do não fazer.²

Caderno de Leituras n.104
série *intempestiva*

Genealogia do ocioso

Vivian Abenshushan

**Coordenação
editorial**
Maria Carolina
Fenati

**Coordenação
de arte**
Luísa Rabello

Projeto gráfico
Mateus Acioli

Tradução
Gabriel Bueno
da Costa

**Revisão
da tradução**
Clarissa Xavier

**Revisão
do português**
Flávia Durães

Composto em Maax,
desenhada por
Damien Gautier para
205TF Foundry.

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte,
maio de 2020

Esta e outras publicações
da editora estão disponíveis
em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.
Fundação Municipal de Cultura. Projeto 0699/2017

Patrocínio

unibh ›

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA